

CAPITALISMO PARASITÁRIO: e outros temas contemporâneos – Zygmunt Bauman

Carla Gebhardt Gehling¹

O autor da obra, o sociólogo polonês Zygmunt Bauman, foi-me apresentado no GENEP (Grupo de Estudos em Narrativas e Educação na Pós-modernidade). Como aluna de mestrado, integro este grupo de pesquisa que, sob a orientação do Professor Dr. Rafael Montoito, tem se reunido virtualmente para fazer a leitura e discussão do livro “Tempos Líquidos”. Rapidamente descobri que Bauman é um dos mais importantes intérpretes da realidade. As obras dele são extraordinárias contribuições para pensarmos sobre nossa sociedade contemporânea onde o consumo, o descarte e as incertezas são constantes.

No livro “Capitalismo Parasitário”, sobre o qual esta resenha versa, Bauman discute questões que, em alguma medida, também estão presentes na atualidade da sociedade brasileira: a crise econômica que afeta a maioria dos cidadãos é uma constante entre nós e também em alguns outros países. Podemos destacar neste livro a facilidade dos indivíduos em adquirir a sua tão desejada “*liberdade financeira*” que, buscada a qualquer custo, levam-nos a se endividarem acima de seus adequados recursos; vários são os exemplos apresentados no texto de pessoas que acreditaram nesse sonho tão impraticável, e acabaram contraindo cada vez mais débitos para abrandar os anteriores contraídos, configurando-se como devedores intermináveis. Tal processo não isenta a juventude, cada vez mais cedo presa nesta malha financeira.

Hoje, ingressar nessa condição é mais fácil do que nunca antes na história da humanidade, assim como escapar dessa condição jamais foi tão difícil. Todos os que podiam se transformar em devedores e milhões de outros que não podiam e não deviam ser induzidos a pedir empréstimo já foram fisgados e seduzidos para fazer dívidas. (BAUMAN, 2010, p. 19).

O sociólogo também explica que cada indivíduo tem a sua escolha e que temos que nos adaptar às modificações de nossas vidas de acordo com as variações sociais, mas

¹ Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (Pelotas – RS). E-mail: carla.g.gehling@gmail.com

adverte: ainda não chegamos ao precipício, por isso ainda temos tempo, ainda que escasso, para cogitar e modificar o curso da rota.

A obra “Capitalismo Parasitário: e outros temas contemporâneos” está organizada em cinco capítulos. Os dois primeiros capítulos são descritivos e os três últimos são de respostas para perguntas direcionadas a Bauman. Todos estão voltados a temas como a vida líquida, a globalização e atualidades. No primeiro capítulo, denominado “Capitalismo Parasitário”, o sociólogo afirma que o capitalismo designa mais problemas do que soluções. Em suas palavras:

Para além de qualquer dúvida razoável, o recente “tsunami financeiro” demonstrou a milhões de indivíduos – convencidos pela miragem da “prosperidade agora e sempre”, de que os mercados e bancos capitalistas eram os métodos incontestáveis para a solução dos problemas – que o capitalismo se destaca por criar problemas, e não por solucioná-los (BAUMAN, 2010, p 07).

Neste capítulo também são delineadas as várias maneiras usadas pelo capitalismo para que seja mantida a fonte de lucro. “Para eles, o ‘devedor ideal’ é aquele que jamais paga integralmente suas dívidas” (BAUMAN, 2010, p. 15). Podemos observar que, na realidade de querer consumir mais do que necessitamos, criamos uma dependência contínua e incontrolável de ir às compras, a qual temos uma dificuldade enorme de superar. Como relata Bauman, “como poucas drogas, viver a crédito cria dependência.” (BAUMAN, 2010, p. 24) e, por isso, no capitalismo, o homem é influenciado a todo tempo pelos mais diversos meios (mídias sociais, propagandas nos veículos de comunicação, panfletos recebidos nas ruas, vitrines, outdoors etc) para tornar-se desmesuradamente consumista, sem perceber as decorrências causadas para si (endividamento, compra de objetos desnecessários etc) e para o mundo (degradação do meio-ambiente, exploração de trabalhadores etc). No segundo capítulo, denominado “A Cultura da Oferta”, Bauman começa mencionando que “a cultura de hoje é feita de ofertas, não de normas” (BAUMAN, 2010, p. 33) e, na sua característica líquido-moderna, não é formada por pessoas, mas sim baseada numa economia do desperdício. Neste mesmo capítulo são apresentados dois subtítulos: “Novos desafios para a educação” e “Relação professor/aluno na fase líquido-moderna”. Neste primeiro subtítulo prevalece o descarte: a solidez das coisas, dos vínculos

humanos e do conhecimento é vista como uma ameaça, pois restringe a liberdade de movimento e a capacidade de perceber novas oportunidades, indispensáveis ao cenário da liquidez moderna. Neste cenário a palavra de ordem no momento é “flexibilidade”.

Nestes novos desafios para a educação e na era do consumismo, que não incide em acumular coisas mas em descartá-las, pensar numa educação a longo prazo parece desconcertante e aterrorizador. Podemos destacar as seguintes palavras:

Para convencer seus filhos da utilidade do estudo, pais e mães de outrora costumavam dizer que “aquilo que você aprendeu ninguém vai poder tirar”. Esta talvez fosse uma promessa encorajadora para os filhos *deles*, mas, para os jovens contemporâneos, deve representar uma perspectiva horripilante (BAUMAN, 2010, p. 42).

No segundo subtítulo é destaque a falta do contato visual, pois os jovens convivem, em devotada emergência, num mundo acelerado e desimportante, sem conexão, transformando cada encontro em relações “virtuais”, condições essas que permeiam os espaços escolares e as práticas de ensino e aprendizagem. Sobre isso, o sociólogo escreve:

Fazer contato visual ou permitir a aproximação física de um outro ser humano é sinônimo de desperdício, pois equivale a dedicar algum tempo, escasso e precioso, a “aprofundar”: decisão que poderia interromper ou impedir o surfe em tantas outras superfícies convidativas (BAUMAN, 2010, p. 66).

E também podemos destacar neste subtítulo a incompreensão recíproca entre gerações. Nem uns e nem outros estão satisfeitos: os mais velhos temem que os jovens irão arruinar tudo o que construíram, já os mais jovens sentem o impulso de endireitar o que os mais velhos estragaram. Bauman termina o capítulo mencionando:

Por isso, é cedo demais para compreender de que modo as visões de mundo e os comportamentos profundamente arraigados dos jovens de hoje irão se adequar ao mundo que virá, e de que maneira esse mundo irá se amoldar a suas expectativas profundas (BAUMAN, 2010, p.72).

Nos capítulos seguintes, o livro é composto de entrevistas referentes a três temáticas: “A sociedade do medo”; “O corpo em contradição”; “Um homem com esperanças”. No capítulo 3, “A sociedade do Medo”, o sociólogo responde uma série de perguntas sobre a insegurança atual. Comenta que os medos são muitos e diferentes, mas

eles se alimentam um dos outros gerando um ambiente de insegurança. Essa característica líquida do medo faz com que ele seja explorado política e comercialmente, e ainda abre um enorme espaço para as decepções. No livro, Bauman relata que:

Os medos agora são difusos, eles se espalharam. É difícil definir e localizar as raízes desses medos, já que os sentimos, mas não os vemos. É isso que faz com que os medos contemporâneos sejam tão terrivelmente fortes, e os efeitos sejam tão difíceis de amenizar (BAUMAN, 2010, p.73).

Estes medos modernos são aqueles que estão em todas as circunstâncias, em todos os sentidos, em todos os períodos, forçando-nos a nos sentirmos inseguros a todo o instante. Bauman ainda menciona que não se considera um pessimista, mas também não um otimista. Ele acredita numa terceira atitude possível, como descreve: “Acredito que o mundo que habitamos pode ser melhor que hoje; e podemos fazer com que ele seja mais “amigável”, mais hospedeiro, para a dignidade humana” (BAUMAN, 2010, p.81) No quarto capítulo, “O corpo em Contradição”, podemos encontrar a manifestação de reações patológicas como a bulimia e a anorexia, alavancadas por uma cultura egocêntrica e consumista. A anorexia está relacionada a tendências egocêntricas da sociedade que promove a estratégia de vida baseada no prazer, já a bulimia representa as contradições aprofundadas na cultura de uma sociedade consumista. Ambas se embaralham com as atitudes de vida dos seres humanos cercados de ofertas e de um consumo descomedido.

No quinto e último capítulo do livro, “Um homem com esperanças”, Bauman retoma, do terceiro capítulo, a temática sobre ser otimista ou pessimista, e novamente enfatiza acreditar “que é possível um mundo diferente e de alguma forma melhor do que o que temos agora” (BAUMAN, 2010, p. 87). Bauman considera que o mundo pode ser melhor e que podemos ter uma “vida boa”. Contudo, para vivê-la, se fazem necessárias correções e melhoras. Porém, para muitos a ideia de vida boa (“melhor”) está associada às compensações materiais e compras desnecessárias e descabíveis, pois acreditam que nesta condição serão capazes de preencher seus vazios. Nesta perspectiva de “vida boa”, Bauman diz que a vida pode ter variáveis, como uma receita:

Receitas e ingredientes sempre podem ser escolhidos, determinados pelas forças das circunstâncias. Sendo seletivos, são em geral incompletos – alguns sabores estão sempre em falta; as receitas são compostas

precisamente para essa finalidade da seleção, e a seleção é uma dupla atividade de incluir e excluir (BAUMANN, 2010, p. 92).

Olhando a obra como um todo, neste livro é possível perceber a realidade de nossas vidas, pois vivemos numa sociedade guiada pelo capitalismo, onde a ganância e a individualidade estão presentes e causam danos tanto nas relações interpessoais quando no meio-ambiente; na educação, campo que me interessa de modo particular por ser aquele em que escolhi me inserir como profissional, há o enfraquecimento dos laços entre aluno e professor, bem como um abismo e uma crise educacional que, se não são decorrências apenas do capitalismo, em grande parte sofrem sua influência. Onde o medo é constante, nos sentimos inseguros, ameaçados e não sabemos como proceder para mudar. Para combatê-lo, a informação é a melhor arma: conhecer as características da modernidade líquida e as engrenagens que a operam pode ajudar-nos a não nos deixarmos tomar pelos medos. O livro apresenta discussões relevantes para refletirmos sobre os nossos atos e nossas decisões, sobre o mundo-líquido e seus “parasitas”. Podemos ser bons ou maus, e isso se reflete na trajetória de nossas vidas, na arte da vida. Bauman diz:

Em *A arte da Vida*, sugiro que aquilo que usualmente classificamos como destino ou sorte (circunstâncias externas que não podemos prever ou controlar) nos dá as opções entre os quais os seres humanos podem/devem escolher. Mas é o caráter humano que guia essa escolha (BAUMANN, 2010, p. 88)

De igual modo, como professora, tenho confiança e esperança na modificação da sociedade através da educação. Talvez o mundo líquido moderno tenha aumentado a quantidade de desafios com os quais se depararão os professores, além daqueles enfrentados há décadas; neste caso, ler e estudar Bauman pode contribuir para seu enfrentamento, visto que suas obras descortinam nosso cotidiano e, por isso, ajudam a compreender a época atual e, por conseguinte, pensar em ações transformadoras.

REFERÊNCIAS:

BAUMAN, Z. **Capitalismo Parasitário**: E outros temas contemporâneos. Tradução de Eliana Aguiar. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.